

ASSEMBLEIA Meta é pressionar grupos patronais para apresentação de contraproposta

Metalúrgicos já ameaçam paralisação

MARA FLÔRES

Com a expectativa de divulgação de um primeiro índice salarial na próxima semana, o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e Mogi das Cruzes promoveu uma mobilização na manhã de ontem no Núcleo Industrial da Vila São Francisco, com a participação de aproximadamente 1,2 mil trabalhadores das indústrias instaladas no polo. O objetivo da assembleia foi pressionar os grupos patronais para a apresentação de uma contraproposta ao pedido da categoria, que reivindica a reposição das perdas da inflação e um aumento real dos salários. A direção do Sindicato não descarta a possibilidade de greve na Cidade.

A data-base dos metalúrgicos é 1º de novembro, por isso, a expectativa de que os patrões apresentem uma primeira proposta de reajuste salarial para a categoria. Numa condição pouco comum, e que já é reflexo da crise econômica, o primeiro



MOBILIZAÇÃO Sindicato reuniu 1,2 mil operários na Vila São Francisco

percentual discutido para a categoria deverá partir dos patrões e ser colocado para aprovação dos trabalhadores. Embora não tenha lançado um índice, a direção do Sindicato coloca que só a inflação acumulada do período deve passar de 9,5%. Além dessa reposição, os metalúrgicos querem aumento real e manutenção das cláusulas sociais da

convenção coletiva.

“A campanha está se desenvolvendo em meio a uma crise séria, mas não vamos admitir não ter reajuste. O que o Sindicato defende é que o reajuste salarial é fundamental para ajudar a economia sair da crise, pois os trabalhadores terão mais recursos para consumir”, ressalta Miguel Torres, presidente do

Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e Mogi das Cruzes.

O sindicalista adianta que as mobilizações até a próxima semana buscam uma proposta que contemple toda a categoria. Mas se o processo não avançar, o Sindicato poderá, logo na sequência, iniciar negociações individuais com as empresas. E, se necessário, partir para uma greve.

“Vamos esgotar as negociações coletivas no final de outubro. Depois, trabalhamos com a possibilidade de negociações separadas e de greve”, avisa Torres.

No interior do Estado, onde os metalúrgicos são ligados à Central Única dos Trabalhadores (CUT), ainda hoje a categoria não chegou a um acordo, sendo a data-base em 1º de setembro. Apenas um setor, que é o de máquinas e eletroeletrônicos, fechou uma negociação, segundo Torres. No caso, a proposta aceita pelos trabalhadores foi de pouco menos de 10%, em duas fases.